

RORAIMA

Conselhos, a defesa makuxi

Da terra onde há maior avalanche de medidas antiindígenas é que brota maior resistência. Entrando em Roraima, território alvo de cobiça de latifundiários, parlamentares inescrupulosos, mineradores e investidores, tem-se essa certeza. Lá estão os índios se organizando para "atrapalhar" os planos dos donos do poder. São os **Makuxi** (mais de 15 mil no Território), **Wapixana, Taurepang, Ingarikó**, de um lado, e os **Wai-Wai, Waimiri/Atroari e Yanomami**, do outro. Cada vez eles "atrapalham" mais os projetos espoliadores, utilizando somente uma arma — mas bastante eficaz: a organização.

Desde meados da década de 70, aproximadamente 200 tuxauas vêm se reunindo anualmente e sentindo a necessidade de aprimorar a organização indígena em Roraima. A partir de janeiro de 1983, numa assembléia, criaram os conselhos comunitários no Território. A função dos conselheiros: visitar permanentemente as várias comunidades, incentivar e favorecer a organização do trabalho e da vida social das malocas. Todos os problemas ou os atritos que surgirem com os "brancos" são resolvidos por estes Conselhos, que se encarregam de denunciar os abusos à Funai e, quando necessário, reúnem todas as comunidades para fazer frente aos invasores.

Essas experiências estão se implantando a todo vapor na região das Serras (habitada por **Makuxi**). Nessa região, há mais de 40 malocas; mas ali, em meio à terra dos índios, estão instaladas mais de 30 grandes fazendas. É nessa área que o Conselho Regional se reúne bimestralmente. Fazem parte dessa organização 17 conselheiros eleitos pelos tuxauas.

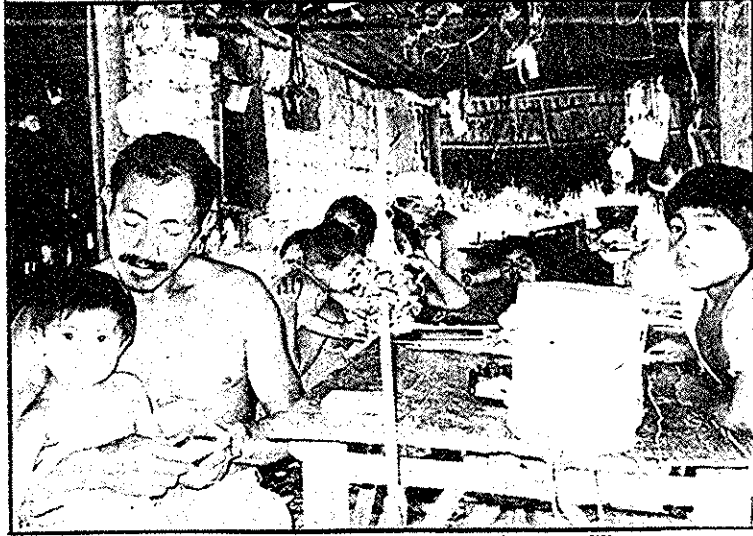
AS EXPERIÊNCIAS

Através de alguns exemplos concretos, pode-se notar a organização dos **Makuxi** da região das Serras, no norte de Roraima. Ali, 14 comunidades indígenas se uniram para fundar a "Firma do índio no garimpo". Objetivos: organizar a pequena garimpagem de ouro e diamante que existe na área; acabar com a exploração dos intermediários; e, com o lucro agora existente, comprar gado em nome das comunidades, para sistematizar a ocupação econômica de suas terras e barrar a entrada de mais invasores.

Essa experiência começa a dar resultados positivos. Iniciada mais organizadamente em agosto pp., os índios já começaram a obter lucros. Conseguiram diminuir o número de garimpeiros brancos ali. No garimpo dos Payoá, formaram uma cantina que, contro-



Jaci, tuxaua de Maturuca



Tuxaua Terêncio, da aldeia de Cumaná, com os filhos



O garimpo contribui na busca da autodeterminação

lada por eles, pôs fim à exploração e à venda de cachaça. Dirigida pelo tuxaua Juscelino, da maloca do Monte Morriá, a cantina não vende mais pinga. Só o **baxiwaro**, chicha típica dos **Makuxi**. Na cantina, os índios vendem o ouro, que depois é levado a Boa Vista, onde compram mantimentos. O conjunto de índios que trabalha no Payoá garimpo, recebe a produção, organiza, vende e compra gado em nome das 14 comunidades da região da maloca Maturuca.

Nessa organização, os **Makuxi** contam com a ajuda da Diocese de Roraima. Nos últimos três anos, eles receberam 390 reses para que o projeto fosse implantado. Passado o prazo estipulado pelo projeto, já começam a devolver as cabeças de gado que serão entregues a outras comunidades. Na região das Serras, os **Makuxi** conseguiram comprar — com a organização do garimpo — 46 reses e uma fazenda de 3 mil hectares, com 160 reses, incrustada na área deles. Os fazendeiros começam a perceber a força dos índios com essa organização. Estão ameaçando matar o gado das comunidades e ainda se colocam contra membros da Diocese, chegando a atentar contra a vida de alguns.

Partindo da questão-base falta de demarcação das terras e conseqüente invasão dos índios começaram a ela-

borar projetos de ocupação e reocupação de seu território visando à sua autodeterminação enquanto povo. Paralelamente a isso, estão num processo de "volta às raízes", utilizando a escola, que havia acelerado o processo de "embranquecimento cultural". Os índios estão preocupados com a preparação de novos materiais para as aulas das crianças. Estão revitalizando o uso da própria língua nas aulas, ministradas por professores indígenas formados pela Missão em Maturuca.

Quando se fala em organização dos **Makuxi** ou de ou-

tros povos do Território de Roraima, não se pode ignorar a destacada atuação do tuxaua Terêncio Luís da Silva (Maionzó), da maloca de Cumaná, e do tuxaua Jaci, da maloca de Maturuca. E o trabalho deles é amplamente reconhecido pela comunidade. Quando Terêncio fala, compreende-se o porquê do reconhecimento: "A minha preocupação aqui é com a minha área, com a comunidade, como também em outras áreas. Preocupação que a gente acha é a gente querer ver o povo, como um povo indígena viver em conjunto, em união, trabalhando pra ter, pra sobreviver na sua liberdade". Devido a essa visão e ao apoio que recebe de seus irmãos, Terêncio — Maionzó, para os **Makuxi** — tornou-se membro do conselho da União das Nações Indígenas (UNI), em abril pp., durante o II Encontro Nacional dos Povos Indígenas (ver **PORANTIM** nº 63).

É Terêncio quem narra como a idéia de união foi se espalhando em Roraima. "A gente vivia só mesmo, cada qual nas suas comunidades, que não pensavam quase, mas depois vimos que o problema está surgindo numa comunidade e em outra; então começamos a trabalhar na união, se encontrar, fazer assembléias nas regiões".

Líderes exigem respeito à lei

A organização em Roraima se faz com atos concretos, decididos, muitas vezes em reunião. Na maloca do Perdiz, de 1º a 4 de outubro, 25 tuxauas e mais 13 membros do "Conselho Regional Indígena" da região das Serras, além de outros líderes, se reuniram para debater as principais dificuldades. Ao final do encontro, levantaram os seguintes problemas graves, em uma nota.

1º - A nossa área indígena ainda não foi demarcada. Através de não serem demarcadas vem os invasores. Os fazendeiros não deixam fazer suas roças, não deixam fazer seus retiros, queimando seus barracos que estão fazendo para os retiros, prendendo os tuxauas, tentando comprar malocas, levando a polícia para as malocas ou querendo expulsar o gado que foi recebido do projeto da Diocese que o índio recebeu. Através desse projeto os fazendeiros estão ameaçando os padres, como aconteceu com o Pe. Lirio e o Pe. Jorge.

Um dia que os fazendeiros chegar a expulsar o nosso gado recebido do projeto da Diocese, nós vamos fazer o mesmo serviço com o gado deles.

2º Assunto: invasão dos garimpeiros como firmas

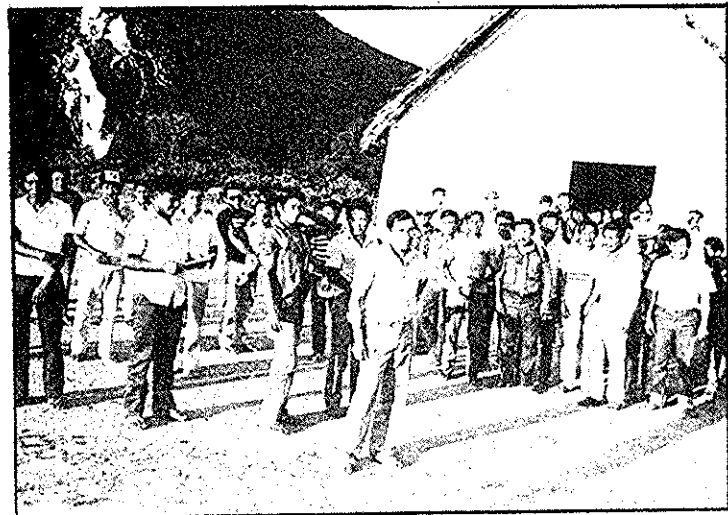
Codesaima, CPRM, e outros maquinários acabando a nossa mineração, através de nossas áreas não está demarcada, cada vez mais entrando muitos garimpeiros, trazendo muita bebida alcoólica só para destruir a comunidade. O preço da compra de mineração é muito explorado.

Então nós muito preocupados em estas coisas nocivas para as nossas comunidades, esperando uma ajuda das autoridades como: governadores, deputados, mas pelo contrário, os depu-

tados de Roraima vem fazendo projeto de lei como: lei nº 4.147 de 1984, feito pelo deputado Mozarildo Cavalcanti, na Câmara dos Deputados.

Com isso, nós índios de Roraima, ficamos muito sentido e por isso nós não aceitamos esse projeto de lei.

Para isso não temos uma lei nº 6.0001/12/73, o Estatuto do Índio, para não inventar mais outra lei, a nossa lei tem que ser respeitada em todo Brasil".



Na maloca do Perdiz, a reunião de tuxauas e membros do Conselho